O NAUFRAGO

CONTO EGYPCIO

ESTUDO

POR

Francisco Maria Esteves Pereira

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1901

O NAUFRAGO

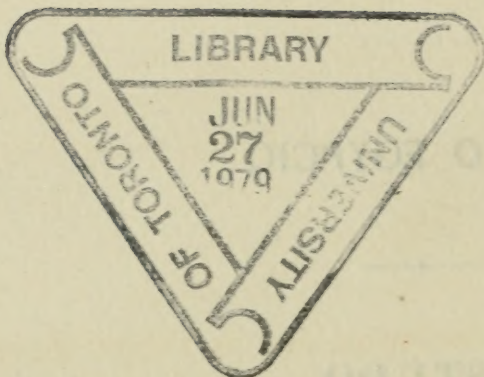
O NAUFRAGO

CONTO EGYPCIO

ESTUDO

POR

Francisco Maria Esteves Pereira

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1901

Extracto do vol. 48.º do *Instituto*

De todas as narrações lendarias, que os antigos Egypcios consignaram por escripto, e foram conservadas até ao nosso tempo, nenhuma é mais notavel pelo assumpto, nem mais attrahente pela fórma, do que aquella que é conhecida pelo nome de *Conto do Naufrago.* Esta narração tem excepcional importancia para a geographia e ethnographia por conter noticias da grande expansão de um dos povos mais celebres da antiguidade, os Phenicios; é de subido interesse para a historia do commercio por indicar a proveniencia de muitos productos naturaes, que em remotos tempos eram avidamente procurados dos orientaes; é de inestimavel valor para o estudo das tradições populares por conservar a fórma, mais proxima da original, de uma lenda, que mais tarde foi adoptada e vulgarisada pelos Gregos na *Odysseia* e pelos Arabes nas *Mil e uma noites* (1); e emfim constitue um monumento litterario preciosissimo da antiga lingua dos Egypcios, porque foi escripto em uma das epochas mais brilhantes da litteratura pharaonica (2).

Do texto egypcio do *Conto do Naufrago* sómente se conhece a cópia em um papyro, que faz parte da collecção egypcia do museu do Eremiterio (Eremitage) imperial de S. Petersburgo. Não se sabe onde o papyro foi encontrado, nem como foi para S. Petersburgo, nem em que epocha; até 1880 não tinha sido aberto; foi naquelle anno, que Wladimir Golénischeff o descobriu no museu, e o desenrolou e estudou; e no anno seguinte de 1881 o fez conhecido aos sabios, que tomaram

parte no v Congresso internacional dos orientalistas, celebrado em Berlim (3).

O papyro está em perfeito estado de conservação; o texto é disposto em 189 columnas verticaes e linhas horizontaes; está completo desde o principio até ao fim, e intacto com excepção de algumas palavras (4). A escripta do papyro é hieratica, e do mesmo typo que a dos papyros n.^os 1 a 5 de Berlim; os caracteres são nitidos e bem formados; a escripta remonta á xii dynastia (5), e a edade do papyro é avaliada em quatro mil annos (6).

A linguagem do *Conto do Naufrago* é clara e facil, contém apenas algumas palavras de difficil interpretação e algumas fórmas grammaticaes novas (7); o seu estylo é simples mas elegante, e o seu auctor mostra ter possuido eminentes qualidades litterarias e um gosto muito apurado (8). O estylo do nome do copista, posto na subscripção no fim do conto, mostra que elle pertenceu á parte mais antiga da xii dynastia, de modo que a sua composição póde ser referida á epocha, em que o Egypto foi aberto ao commercio estrangeiro sob Sankhkara ou Amenemhat I (9).

O texto egypcio do *Conto do Naufrago* ainda não foi publicado nem em fac-simile, nem em transcripção hieroglyphica (10); mas Golénischeff deu d'elle duas traducções em francez nas seguintes obras:

Sur un ancien conte égyptien, notice lue au Congrès des Orientalistes à Berlin, par W. Golénischeff, 1881, sem nome do editor, imprensa de Breitkopf e Hartel em Leipzig; 8.º grande, 21 paginas (p. 4-8).

Inventaire de la collection égyptienne. Eremitage impériale de St. Petersbourg (p. 177-182).

A traducção de Golénischeff é muito exacta, segundo o testemunho de Gaston Maspero (10, *a*).

A primeira traducção, um pouco modificada, foi reproduzida por Maspero nos *Contes populaires de l'Égypte ancienne*

(Paris, 1882, 1.ère édition, p. 139-148; 2.e édition, p. 133-146). Do mesmo conto deu uma traducção em allemão o Dr. Adolpho Erman na sua obra *Aegypten und ägyptisches Leben in Altherthum* (Tubingen, 1896), e uma traducção em inglez W. M. Flinders Petrie nos *Egyptian tales* (first series, London, 1899, p. 81-93).

No *Conto do Naufrago* referem-se as aventuras de um Egypcio, que, tendo embarcado com destino ás minas do Pharaó, naufragou, e foi ter a uma ilha, cujo senhor era um dragão de desmesurada grandeza, que o tratou com muita benevolencia, lhe predisse o seu regresso á patria, e ao partir lhe deu de presente muitos productos preciosos, de que abundava o paiz sujeito ao seu dominio.

Em egypcio a expressão, pela qual é designada a ilha, aonde foi ter o naufrago, é *âa pen en ka,* que Golénischeff traduziu por «esta ilha do Genio», e a identificou com a ilha de Socotorá (11). Maspero traduziu a mesma expressão por «esta ilha do Dobrado» (12), e a comparou ás *Macarôn nêsoi,* «Ilhas dos Bemaventurados», e ás *Fortunatae insulae,* «Ilhas Afortunadas», dos antigos geographos (13). Glaser confirmou a identificação proposta por Golénischeff, observando que a maior parte dos productos naturaes, mencionados no conto, são proprios e os principaes da ilha de Socotorá e da costa de Africa, que lhe está proxima, isto é, do paiz dos Somal (14). Nos baixo-relevos pintados do templo de Deir-el-Bahri, nos quaes são representadas diversas scenas da expedição da rainha Hatasu (XVIII dynastia, 1600 a 1700 antes de J. C.) ao paiz, onde se produzia o incenso, a myrrha, e outras drogas preciosas, menciona-se o paiz de *Ta-Nuter,* «a terra divina», situada perto do paiz de Punt (15), e que Mariette identificou com a ilha de Socotorá (16).

O nome de Socotorá é a corrupção do sanscrito *Dvipa sukho tara,* «ilha feliz» (17), designação quasi de identica si-

gnificação, da que é empregada no *Conto do Naufrago*. Os geographos gregos alcançaram algumas noticias ácerca d'esta ilha, e a designaram pelo nome de *Dioskouridou nêsos* (18), que é a adaptação grega do nome sanscrito, e o archipelago, de que a ilha de Socotorá faz parte, e é a maior e a principal, pela expressão *nêsoi eudaimones* (19), que não é senão a traducção do nome sanscrito de Socotorá.

Diodoro de Sicilia (20) menciona uma ilha, situada no oceano ao sul da Arabia, chamada *Panchaia,* habitada por naturaes e muitos estrangeiros, a saber: Occeanitas (insulares), Indios, Cretenses e Scythas. A sua principal cidade chamava-se *Panara*. A ilha era muito fertil, e produzia incenso, myrrha e outras especiarias. Glaser (21) conjectura que o nome da ilha *Panchaia* provém da designação egypcia *âa pen en ka,* ou *Pa-an-ka*.

O senhor da ilha, aonde abordou o naufrago egypcio, diz ser o soberano do paiz de Punt. Nas inscripções hieroglyphicas encontra-se diversas vezes o nome de Punt, como o do paiz, d'onde os egypcios tiravam ouro, incenso, myrrha, diversas drogas e madeiras preciosas. O nome de Punt designava, segundo Chabas e Brugsch (22) a Arabia, segundo Mariette (23) a costa de Africa comprehendida entre o estreito de Bab-el-Mandeb e o cabo de Guardafui, e segundo Dümichen (24) e Maspero (25) as duas costas do Mar Roxo junto do estreito de Bab-el-Mandeb. Glaser (26) reconheceu que os productos, que as inscripções hieroglyphicas indicavam como provenientes do paiz de Punt, são proprios da costa sul da Arabia, da ilha de Socotorá, e da costa oriental de Africa, e por isso julga que Punt era a designação geral que os Egypcios davam ás mesmas regiões. Glaser, observou ainda, que o nome de Punt póde, segundo o parecer dos egyptologos, tambem ler-se *Pouen-at,* onde *at* é a terminação feminina, que designa *terra,* e *Pouen* o nome do povo, que

habitava o paiz de Punt. Ora pelas descobertas recentemente feitas em Zimbabye na Maxona, e em Marico no Transvaal, reconheceu-se que os povos, que antigamente habitaram nestas regiões e exploraram as minas de ouro, eram Phenicios (27), e que da mesma origem eram os que pelo mesmo tempo habitaram na ilha de Socotorá; e como com estes são estreitamente aparentados, tanto pelos seus caracteres somaticos como ethnographicos, os habitantes de Mahra na Arabia meridional, devem tambem estes povos ser considerados como Phenicios. Emfim Glaser concluiu (28) que a designação de *Pouen,* que faz parte do nome de Punt, não tem casual consonancia com os nomes *Phoinikes* dos Gregos e *Poeni* dos Romanos, mas é identica linguistica e historicamente com estes. Em resumo Glaser considera o paiz, onde se produzia o incenso, e que os Egypcios designavam pelo nome de Punt, como a antiga séde dos Phenicios, os quaes, partindo das costas do golpho Persico, segundo a tradição referida por Herodoto (*Historias*, liv. IV, cap. 42), teriam irradiado de uma parte para Babylonia, e por outra parte, depois de ter occupado a costa meridional da Arabia, a oriental de Africa, e apparecido no Egypto, se fixaram nas margens do Mediterraneo sob o nome sudarabico de *Phoinikes, Poeni* ou *Puni* (29).

Golénischeff reconheceu que o *Conto do Naufrago* tem grande analogia com o episodio da *Odysseia,* em que se refere a permanencia de Ulysses entre os Pheacios (*Odysseia,* raps. 5–13), e com a primeira viagem do conto de Sindabad das *Mil e uma noites,* e poz em evidencia os pontos, em que elles teem mais semelhança com o *Conto do Naufrago* (30).

O argumento do episodio da *Odysseia* merece ser referido aqui resumidamente, e é como se segue:

Quando Ulysses, após os seus longos errores, estava perto de chegar a Ithaca, sua patria tão desejada, o batel, em que navegava, foi despedaçado por uma tempestade, e Ulysses a

muito custo pôde salvar-se a nado, abordando á ilha de Scheria, situada longe dos homens industriosos (*Odysseia*, raps. 7, v. 8), habitada pelos Pheacios; e entrando pela foz de um rio, saíu em terra, e escondeu-se em uma mouta, onde adormeceu. Nausicaa, filha de Alcinoo, rei dos Pheacios, que tinha ido ao rio com as servas lavar os seus vestidos, encontrou Ulysses, deu-lhe de comer e vestidos, e o levou comsigo até á cidade, onde foi recebido benevolamente pelo rei Alcinoo. Ulysses contou ao rei o seu naufragio e o seu encontro com Nausicaa; e o rei prometteu-lhe fazêl-o conduzir á sua patria. Alcinoo deu em honra de Ulysses um banquete, ao qual assistiram os principaes Pheacios; e no fim os mancebos executaram na praça publica diversos jogos e danças. Ulysses foi presenteado pela rainha Arete e pelos principaes Pheacios, e prometteu a Nausicaa, que lá na sua patria, a implorará todos os dias como a um deus. (*Odysseia*, raps. 8, v. 467). Ulysses despediu-se dos seus hospedes, entrou em um navio equipado por marinheiros Pheacios, que o conduziram a Ithaca, onde o depuzeram com os seus thesouros, em quanto dormia. Poseidon (Neptuno), irritado pelo regresso de Ulysses á sua patria, puniu os Pheacios, e transformou em rochedo o navio que transportou Ulysses.

Golénischeff, apesar das analogias, que assignalou entre o *Conto do Naufrago* e o episodio da *Odysseia* e a narração da primeira viagem de Sindabad, não julga comtudo que estas ultimas provenham do conto egypcio; antes é de parecer, que todas as tres narrações são desenvolvimentos de uma só mais antiga, da qual procedeu em primeiro logar o *Conto do Naufrago* (31).

A lenda do dragão soberano de uma terra longinqua, onde havia muitas riquezas, parece ter sido adoptada tambem pelos antigos Abexins, que sem duvida a tomaram dos Egypcios. Segundo é tradição em Ethiopia, e se refere na *Homilia em*

honra do abba Garima por Yohanes bispo de Aksum (32), Arve (33) foi rei da terra de Ethiopia durante vinte e cinco annos. Arve era um dragão (34), que tinha de comprimento cento e setenta covados, e de largura quatro covados; os seus dentes tinham um covado, e sobre a sua cabeça havia um corno tendo cerca de tres covados. Os seus olhos pareciam chamma de fogo; as palpebras dos seus olhos eram como corvos negros; e todo elle era como chumbo e bronze. Quando bebia, não o saciavam dezesete medidas; e o seu sustento de cada dia eram dez vaccas, dez vitellos, mil cabras, cem carneiros e milhares de aves. Quando marchava, ouvia-se o seu estrondo á distancia de oito dias de viagem. Todos os governadores das provincias de Ethiopia adoravam Arve, e lhe davam como tributo uma donzella, de rosto formoso, que adornavam e conduziam á presença de Arve, e a deixavam só; depois o dragão a devorava. Segundo Halévy (35) a lenda de Arve é devida á influencia dos Persas em Ethiopia; mas Conti Rossini suspeita (36), e com razão, que ella derive da tradição egypcia, como parece resultar, comparando a descripção do dragão feita no *Conto do Naufrago* com a de Arve dada na *Homilia em honra do abba Garima.*

NOTAS DO PREFACIO

(1) W. Golénischeff, *Sur un ancien conte égyptien,* (s. l.), 1881, p. 8 e segs.

(2) Ibidem, p. 3.

(3) G. Maspero, *Les contes populaires de l'Égypte ancienne,* Paris, 1882, p. 137.

(4) Maspero, *op. cit.,* p. 137.

(5) Maspero, *op. cit.,* p. 137 e 138.

(6) Golénischeff, *op. cit.,* p. 8.

(7) Maspero, *op. cit.*, p. 137 e 138.

(8) Flinders Petrie, *Egyptian tales,* first series, London, 1889, p. 95.

(9) Flinders Petrie, *op. cit.*, p. 96.

(10) Flinders Petrie, *op. cit.*, p. 95.

(10, *a*) Maspero, *op. cit.*, p. 137.

(11) Golénischeff, *op. cit.*, p. 6 e 9.

(12) A palavra egypcia *ka,* que significa *pessoa*, *ente, dobrado,* é o nome dado pelos Egypcios á alma humana; a *ilha do Dobrado* era uma ilha habitada pelas almas dos bemaventurados. (Maspero, *op. cit.*, p. 144, nota 1).

(13) Maspero, *op. cit.*, p. 144, nota 1.

(14) Glaser, *Das Weihrauchland und Sokotra,* no *Beilage zur Allgemeinen Zeitung,* 27 mai 1899, n.º 120, p. 1.

(15) Golénischeff, *op. cit.*, p. 19.

(16) Pierret, *Dictionnaire d'archéologie égyptienne,* Paris 1875, p. 449.

(17) Benfey, no artigo «Indien» na *Encyklopëdie* de Ersch und Gruber.

(18) *Periplo do Mar Erythreu,* ed. Fabricius, § 30; Ptolemaios, *Geographia,* liv. VI, cap. 7, n.º 45; liv. VIII, cap. 22, n.º 17.

(19) Agatharchides, em *Photii Bibliotheca.*

(20) *Bibliotheca,* ed. Müller, Paris, 1842, liv. V, cap. 41 e 42.

(21) Glaser, *Das Weihrauchland und Sokotra,* no *Beilage zur Allgemeinen Zeitung,* 27 mai 1899, n.º 120, p. 1.

(22) Pierret, *Vocabulaire hiéroglyphique,* Paris, 1875, s. v.

(23) Pierret, *Vocabulaire hiéroglyphique,* s. v.; Pierret, *Dictionnaire d'archéologie égyptienne*, Paris, 1875, p. 449; *Bulletin de l'Institut égyptien*, t. XI, p. 80.

(24) Golénischeff, *op. cit.*, p. 12.

(25) Maspero, *op. cit.*, p. 146, nota 1.

(26) Glaser, *Das Weihrauchland und Sokotra,* no *Beilage zur Allgemeinen Zeitung,* 27 mai 1899, p. 2 e segs.; Glaser, *Punt und die südarabischen Reiche,* Berlin, 1899, em geral, e especialmente p. 65 e 66.

(27) J. Theodore Bent, *The Ruins of Mashonaland and Explorations in the country,* nos *Proceedings of the Royal geographical Society,* Londres, 1892, p. 293; J. Theodore Bent, *The ruined cities of Mashonaland,* London, 1893, p. 139; K. Meniof, *Semitische Spuren in Südafrika,* no *Globus,* Bd. 78, 1900, p. 203–205.

(28) Glasser, *Punt und die südarabischen Reiche,* Berlin, 1899, p. 66.

(29) Glaser, *Punt und die südarabischen Reiche*, p. 33 e segs.; cf. Halévy, *Revue Sémitique,* 1899, p. 382.

(30) Golénischeff, *op. cit.*, p. 8 e segs.

(31) Golénischeff, *op. cit.*, p. 18.

(32) Conti Rossini, *L'Omilia di Yohannes, vescovo d'Aksum in onore di Garimâ*, p. 15 e 16.

(33) Em geez *arvê* significa besta.

(34) Em geez *kaysi* significa dragão, serpente.

(35) Halévy, *Traces d'influence Indo-parsi en Abyssinie*, na *Revue sémitique*, 1896, p. 261 e 264; cfr. *Journal asiatique*, 1896, t. II, p. 546.

(36) Conti Rossini, *L'Omilia di Yohannes, vescovo d'Aksum in onore di Garimâ*, p. 37 e em carta particular.

O NAUFRAGO (1)

O discreto servo (2) disse: «Regosija o teu coração, ó meu senhor, porque nós voltámos para o nosso paiz; e depois de ter estado á popa do navio, e de ter batido os remos, a proa tocou em terra. Toda a gente se regosija, e nos abraça a um e depois a outro, com tudo nós viemos de boa saude, e não falta nenhum homem; e posto que nós fomos até aos ultimos limites do paiz de Uauat (3), e atravessámos a terra de Senmut (4), eis que voltamos em salvo, e o nosso paiz eis que chegamos a elle! Ouve-me, meu senhor, eu não tenho outro refugio. Lava-te, e lança agua nos dedos; depois vae, e dize estas cousas ao Pharaó (5).»

O seu senhor respondeu: «O teu coração continúa ainda as suas palavras ociosas; porque, se a bocca do homem póde salval-o, as suas palavras podem cobrir de confusão o seu rosto. Faze pois como o teu coração te persuade; e tudo o que tens a dizer, dize-o com socego.»

Então o marinheiro disse: «Agora vou contar-te o que me succedeu a mim. Eu ia para as minas (6) do Pharaó (7), e tinha descido para o mar em um navio de cento e cincoenta covados de comprimento e quarenta covados de largura, com cento e cincoenta marinheiros dos melhores do paiz do Egypto, que tinham visto o ceu e a terra, e cujos corações eram mais fortes do que leões. Elles tinham annunciado que o vento não seria mau, ou que não haveria nenhum; mas em quanto estavamos ao largo, levantou-se um vento forte; e quando nos approximavamos de terra, o vento cresceu, e fez levantar

as vagas á altura de oito covados. Eu tomei um pedaço de madeira; mas os que estavam em o navio, morreram sem restar um só. Uma vaga arremessou-me em uma ilha, depois de ter passado tres dias, só, sem outro companheiro além do meu proprio coração. Eu metti-me em uma mouta (8), e a sombra me cobriu; depois estendi as minhas pernas para procurar alguma cousa para a minha bocca. Achei figos e uvas, todas as especies de bons legumes (9), bagas (10) e grãos (11), melões de todas as especies, peixes e aves. Nada faltava. Eu saciei-me, e depois lancei no chão, o que os meus braços tinham tomado de mais. Cavei uma cova, accendi lume, e fiz uma fogueira de sacrificio aos deuses.

«Subitamente ouvi um estrondo como de trovão, e julguei que era o de uma vaga do mar; as arvores agitaram-se, e a terra tremeu; eu descobri o meu rosto, e vi um dragão (12), que se approximava. Elle tinha trinta covados de comprimento, e a sua barba era de mais de dois covados, os seus membros eram incrustados de ouro, e a sua côr era como a do verdadeiro lazúli (13). Elle ergueu-se deante de mim; abriu a sua bocca; e estando eu prostrado deante d'elle, disse-me: «O que te trouxe a ti, o que te trouxe a ti, pequeno, o que te trouxe a ti? Se te demoras a dizer-me o que te trouxe a esta ilha, eu te farei saber quem tu és; como chamma tu desapparecerás, se não me disseres alguma cousa, que eu não tenho ouvido, ou que não sei antes de ti.» Depois elle tomou-me na sua bocca, e levou-me para a sua morada, e alli me depoz sem me fazer mal; eu estava são e salvo, e não me tinha sido tirado nada. Então elle abriu a sua bocca, e estando eu prostrado deante d'elle disse-me: «O que te trouxe a ti, o que te trouxe a ti, pequeno, o que te trouxe a esta ilha, que está no mar, e cujas praias são no meio das ondas?»

«Então eu lhe respondi, tendo os braços caídos deante d'elle (14), e lhe disse: «Eu tinha embarcado para as minas, por ordem do Pharaó, em um navio de cento e cincoenta co-

vados de comprimento e de quarenta covados de largura. Nelle havia cento e cincoenta marinheiros dos melhores do Egypto, que tinham visto o ceu e a terra, e cujos corações eram mais fortes do que leões. Elles tinham annunciado que o vento não seria mau, ou que não haveria nenhum. Cada um d'elles excedia ao seu companheiro pela prudencia do seu coração e pela força do seu braço; e eu não era inferior a nenhum d'elles. Um vento forte se levantou, em quanto estavamos no mar; e quando nos approximavamos de terra, então o vento cresceu, e fez levantar as vagas á altura de oito covados. Eu tomei um pedaço de madeira; mas os que estavam em o navio, morreram sem restar um só commigo durante tres dias. E agora eis-me aqui deante de ti, porque fui lançado nesta ilha por uma vaga do mar.»

«Então elle disse-me: «Não temas, não temas, pequeno, não contristes o teu rosto. Se tu vieste para mim, foi deus que te deixou viver; porque foi elle que te conduziu para esta ilha dos bemaventurados (15), onde não falta nada, e que está cheia de todas as cousas boas. Eis que tu passarás um mez depois de outro, até estar quatro mezes nesta ilha; depois virá do teu paiz um navio com marinheiros; partirás com elles, irás para o teu paiz e morrerás na tua cidade. O conversar regosija; e aquelle que gosa a conversação, supporta a sua desventura; vou pois contar-te o que ha nesta ilha. Eu estou aqui com meus irmãos e meus filhos, rodeado d'elles; somos setenta e cinco dragões, filhos e domesticos, sem nomear uma donzella, que me tinha sido trazida por fortuna, sobre a qual caíu o fogo do ceu e a reduziu a cinzas. Quanto a ti, se tu és forte, e se o teu coração fôr paciente, tu apertarás ao peito teus filhos, e abraçarás tua mulher, voltarás para tua casa, que está cheia de todas as cousas boas, verás a tua terra, onde habitarás no meio dos teus domesticos.»

«Então inclinei-me em signal de obediencia, e toquei o chão deante d'elle, e disse: «Eis ahi agora o que tenho a dizer-te

sobre isso. Eu descreverei a tua pessoa ao Pharaó, far-lhe-hei conhecer a tua grandeza, e mandarei trazer-te *ab* (16), *heken* (17), *juden* (18), *cassia* (19), e incenso (20) empregado nos templos, e que serve para honrar todos os deuses. Contarei depois o que me foi dado ver graças a elle; e alli ser-te-hão dados agradecimentos deante da multidão de todo o paiz. Degolarei asnos em sacrificio (21) por ti, e farei trazer para ti navios cheios de todas as especies de maravilhas do Egypto, como é devido fazer a um deus, amigo dos homens, em um paiz distante que os homens não conhecem.» Então elle sorriu-se do que eu disse, por causa do que tinha em seu coração, e me disse: «Tu não és rico de *anti* (22), porque tudo o que tu tens, não é senão *nuter sonter* (23); mas eu sou o soberano do paiz de Punt, tenho alli *anti*. Sómente o *heken*, que tu disseste, que me havias de mandar, não é abundante nesta ilha. Mas desde que te afastares d'este logar, tu não verás mais esta ilha; será transformada em ondas.»

«E eis que, quando o navio se approximou, conforme elle me tinha dito antes, trepei em uma arvore alta para procurar ver aquelles que eram dentro do navio. Depois fui dar-lhe esta noticia; mas elle já a sabia, e me disse: «Boa viagem, boa viagem, para a tua morada, pequeno; tornarás a ver os teus filhos, e o teu nome ficará bom na tua cidade; estes são os meus desejos a teu respeito.»

«Então curvei-me deante d'elle tendo os braços caídos; e elle deu-me presentes de *anti, kehen, juden, cassia,* madeira de *tescheꝑes* (24) e de *schaas* (25), *stibina* (26), caudas de *mama* (27), madeira de *mererit* (28), *nuter sonter* em grande quantidade, dentes de elephante, cães *tsemu* (29), macacos *guf* (30) e macacos *kiu* (31), e todas as especies de cousas preciosas. Eu embarquei tudo isto em o navio que tinha vindo, e prostrando-me pedi a deus por elle. Então elle disse-me: «Eis que tu chegarás ao teu paiz em dois mezes, apertarás ao peito os teus filhos, e repousarás no teu tumulo.» Depois

d'isto desci á praia para o navio, e chamei os marinheiros que nelle estavam; na praia dei graças ao senhor d'esta ilha, e áquelles que alli moravam.

«Quando, depois de voltar, chegamos á residencia do Pharaó no segundo mez, conforme a tudo o que o dragão tinha dito, nós approximamo-nos do palacio. Entrei á presença do Pharaó, e dei-lhe os presentes que eu tinha trazido d'aquella ilha para o paiz. Então elle agradeceu-me deante da multidão de todo o paiz. Faze pois de mim um servo (32), e approxima-me dos cortezãos do rei; lança os teus olhos sobre mim, porque cheguei á terra firme, depois de ter visto tantas cousas e soffrido tanto. Disseram-me: «Torna-te discreto (33), meu amigo, e tu alcançarás honras.» E eis que eu me tornei tal.

Está terminado este conto, desde o principio até ao fim, conforme se encontrou no livro; foi escripto pelo escriba de dedos habeis *Ameni-amen-âa;* tenha elle vida, saude e força!

NOTAS DO CONTO

(1) Esta versão tem por base as traducções de Golénischeff, Maspero e Flinders Petrie, publicadas nas obras atraz citadas.

(2) Em egypcio *xesu aqer,* «servo perfeito.» (Golénischeff, *op. cit.,* p. 4).

(3) O paiz de Uauat era na epocha, a que se refere o conto, a parte da Nubia situada ao sul da segunda cataracta. (Maspero, *op. cit.,* p. 139, nota 1; cf. Brugsh, *Geogr. Inschriften,* III, p. 51, 61, 72; *Zeitschrift für Ägyptische Sprache und Alterthumskunde,* 1869, p. 113; Pierret, *Vocabulaire hiéroglyphique,* p. 108; Flinders Petrie, *Egyptian tales,* I, p. 145).

(4) Senmut é o nome dado nos monumentos egypcios á ilha de Bigeh, situada em frente de Philae, á entrada da primeira cataracta. Parece resultar d'esta passagem, que o Egypcio, tendo subido o Nilo, chegou ao grande mar, que segundo antigas noções geographicas existia no centro de Africa, e no qual nascia aquelle rio. (Maspero, *op. cit.,* p. 139, nota 1, e p. lxxv.

(5) Em egypcio *Per-âa,* em hebreu *Faroh,* em grego *Pharaô,* Pharaó, titulo dos antigos reis do Egypto. *Per-âa* significa propriamente «a casa grande», ou melhor, por causa do determinativo, «o [morador] da casa grande.» (Pierret, *Vocabulaire hiéroglyphique,* s. v.; Loret, *Manuel de la langue égyptienne,* Paris, 1889, p. 96 e 152; Amelineau, *Essai sur le gnosticisme égyptien,* p. 307).

(6) Provavelmente minas de ouro. No Egypto, durante o longo periodo do seu esplendor, havia grande abundancia de metaes preciosos. A maior parte do ouro provinha da Nubia, e crê-se que o principal centro de exploração era junto de Uadi-Allaki, serie de ravinas, que se prolonga no meio do deserto a oeste das montanhas de Elba por 22° 20′ de latitude norte e 33° de longitude oriental de Greenwich. O ouro não era recolhido das areias, mas extrahido das rochas, reduzindo-as a pequenos fragmentos por meio do fogo. Uma estela, achada em Kuban, na margem direita do Nilo, entre Korosko e Assuan, e as inscripções do templo egypcio de Radesieh, construido na estrada das minas de ouro de Akito, dão numerosas indicações ácerca d'estes thesouros dos Pharaós. Além d'isso existe no Museu de Turin o fragmento de uma carta egypcia, que representa uma estação mineira com as suas galerias de ataque, os seus depositos, os caminhos, os reservatorios de agua e o templo de Amon; este precioso documento, o mais antigo no seu genero, pois que data da epocha de Ramsés II, está disposto em sentido inverso das cartas modernas; o lado oriental, que é o do Mar Roxo, está á esquerda da folha. (Elisée Réclus, *Nouvelle géographie universelle,* t. x, *Afrique septentrionale,* p. 430-432).

(7) *Mines du Pharaon* (Golénischeff, *op. cit.,* p. 4); *mines de Honhen* (Maspero, *op. cit.,* p. 140). *Honhen* era um titulo dado frequentemente aos deuses; aqui porém é dado ao rei (Pharaó). (Maspero, *op. cit.,* p. 140, n.° 2).

(8) *Taillis* (Golénischeff, *op. cit.,* p. 4).

(9) *Plantes de aaqt.* (Golénischeff, *op. cit.,* p. 5).

(10) *Fruits kaou.* (Golénischeff, *op. cit*, p. 5).

(11) *Fruits neqou.* (Golénischeff, *op. cit.,* p. 5).

(12) *Serpent* (Golénischeff, *op. cit.,* p. 5; Maspero, *op. cit.,* p. 142; Flinders Petrie, *op. cit.,* p. 83). Golénischeff observa, que o rei de Punt tinha a fórma de uma serpente, ou antes de um dragão, porque tinha barba, e este era o verdadeiro typo do dragão em toda a antiguidade. (Golénischeff, *op. cit.,* p. 11). Flinders Petrie faz notar que o dragão não é do typo usado nos desenhos egypcios; o *uraeus* de cabeça humana raras vezes é barbado; e o melhor exemplo de um tal monstro é o que

se vê em um templo ethiopico, onde um grande *uraeus* tem braços humanos e cabeça de leão. (Flinders Petrie, *op. cit.*, p. 95).

(13) O lazúli, ou lapis lazúli, é um silicato de sodio, de calcio, e de aluminio, misturado com um composto sulfurado de sodio. Encontra-se algumas vezes em dodecaedros rhomboidaes, apresentando uma clivagem dodecaedrica imperfeita, mas a maior parte das vezes em massa compacta. O seu brilho é vitreo, e a sua coloração é um bello azul celeste. Provém principalmente da China, da Siberia e da Bukharia. O lazúli, ainda que raro nos antigos tempos, era conhecido no Egypto; o seu nome *khesdeb* (*khesteb* ou *khesbet*) entra na composição do nome da rainha de Ramessu IV, a qual se chamava *Nub-khesdeb*, «ouro e lazúli», alludindo á sua belleza pessoal, que era comparada á d'estas preciosas substancias. E' certo que o lazúli era já conhecido do Egypto no tempo da XII dynastia, pois que tem sido encontradas algumas contas d'esta substancia em tumulos pertencentes áquella epocha. (Flinders Petrie, *op. cit.*, p. 56, 57 e 95; Brugsch, *Zeitschrift für Ägyptische Sprache und Alterthumskunde*, 1868, p. 7; Pierret, *Vocabulaire hiéroglyphique*, p. 448 e 450; W. Groff, *Étude sur le papyrus d'Orbiney*, Paris, 1888, p. 46, 47 e 77).

(14) E' esta a posição em que nos monumentos egypcios se representam os supplicantes e os servos deante do senhor. (Maspero, *op. cit.*, p. 143, nota 1).

(15) Veja-se p. 7.

(16) A palavra egypcia *ab* (Golénischeff, *op. cit.*, p. 6) foi traduzida por *fard* (Maspero, *op. cit.*, p. 145), e por *sacred oil* (Flinders Petrie, *op. cit.*, p. 89).

(17) A palavra egypcia *heken* (Golénischeff, *op. cit.*, p. 6) foi traduzida por *parfum d'acclamation* (Maspero, *op. cit.*, p. 145), e por *sacred oil* (Flinders Petrie, *op. cit*, p. 89). Segundo Maspero o *heken* era um dos sete oleos canonicos, que se offereciam aos deuses e aos mortos; e que o seu nome provém provavelmente das invocações, que acompanhavam a sua apresentação. (Maspero, *op. cit.*, p. 145, nota 1). Glaser identificou esta substancia com uma especie de myrrha, que no paiz dos Somal tem o nome de *hakar (commiphera hildebrantii)*. (Glaser, *Das Weihrauchland und Sokotra*, no *B. A. Z.*, 27 mai 1899, p. 1).

(18) A palavra egypcia *juden* (Golénischeff, *op. cit*, p. 6) foi traduzida por *pommades* (Maspero, *op. cit.*, p. 145), e por *parfum* (Flinders Petrie, *op. cit.*, p. 89). Glaser identificou esta substancia com o fructo da graminea *lidin*, indigena de Socotorá, provavelmente identica com a planta abexim *lidano* (*albizio amara*, Boiv.), ou com a myrrha, que no paiz dos

Somal tem o nome de *malmal*. (Glaser, *Das Weihrauchland und Sokotra*, no *B. A. Z.*, 27 mai 1899, p. 1).

(19) *Cassia* (Golénischeff, *op. cit.*, p. 6), *casse* (Maspero, *op. cit.*, 145), *parfum* (Flinders Petrie, *op. cit.*, p. 89). Segundo Glaser, na ilha de Socotorá produz-se a cassia (*cassia senna*), da qual se tiram as folhas do senne. (Glaser, *Das Weihrauchland und Sokotra*, no *B. A. Z.*, 27 mai 1899, p. 1). Comtudo W. Max Müller (*Untersuchungen zur Vorderasiatischen Geschichte*, p. 152, nota) julga melhor lêr *hsyt*. (Glaser, *Punt und die südarabischen Reiche*, p. 4, nota 1).

(20) Golénischeff (*op. cit.*, p. 7) não diz, se no texto egypcio está a palavra *anti* ou a expressão *nuter sonter*.

(21) Degolar asnos em sacrificio é uma offerta muito particular, e nenhum signal d'este uso se encontra nas representações ou grupos de offertas dos monumentos egypcios (Flinders Petrie, *op. cit.*, p. 95).

(22) O *anti* foi identificado com o *bdellium* por Golénischeff (*op. cit.*, p. 20); Maspero (*op. cit.*, p. 145) traduziu aquella palavra por *essence*, e Flinders Petrie (*op. cit.*, p. 90) por *perfumes*. Glaser conjecturou primeiramente (*Das Weihrauchland und Sokotra*, no *B. A. Z.*, 27 mai 1899, p. 1), que o *anti* era identico com um dos principaes productos da ilha de Socotorá, o succo do aloés (*taif*), ou o sangue de drago (*mselo* ou *msedo*); mas depois acceitou a explicação já dada por Krall, que *anti* é o plural de *ain*, «olho», e que tem sómente significação collectiva, e designa os grãos redondos de resina, provenientes da exsudação das arvores, que primitivamente só designava certa resina proveniente do paiz de Punt, e que mais tarde se applicou ao incenso, a diversas sortes de myrrha, ao bdelio e tambem a diversas especies de gommas. (Glaser, *Punt und die südarabischen Reiche*, p. 6 e 7).

(23) A expressão egypcia *nuter sonter* (em copto *noute ntephinouti*), significa verbalmente «resina de deus, ou divina», foi traduzida por *simple encense* por Golénischeff (*op. cit.*, p. 7), por *encense* por Maspero (*op. cit.*, p. 145), e por *common incense* por Flinders Petrie (*op. cit.*, p. 90). Glaser é de parecer que *nuter sonter* designa o *bdellium*, que os Egypcios confundiam com o *storax*. (Glaser, *Punt und die südarabischen Reiche*, p. 5 e 6).

(24) A madeira de *teschepes* (Glaser, *Das Weihrauchland und Sokotra*, no *B. A. Z.*, 27 mai 1899, p. 1) foi identificada com a madeira de *thias* (Glaser, *ibidem*; Golénischeff, *op. cit*, p. 7), e de *thuya* (Maspero, *op. cit.*, p. 146); a palavra *teschepes* foi traduzida vagamente por *sweet wood* por Flinders Petrie (*op. cit.*, p. 91).

(25) A madeira de *schaas* foi identificada com a do *bresillet* por Maspero (*op. cit.*, p. 146); e a palavra *schaas* traduzida vagamente por *sweet*

wood por Flinders Petrie (*op. cit.*, p. 91). Segundo Glaser a palavra *schaas* designa a madeira da arvore, que produz o incenso, porque em Socotorá a resina (não a arvore) se chama *schahaz*, variantes *schehaz* e *schahiz*. (Glaser, *Das Weihrauchland und Sokotra*, no *B. A. Z.*, 27 mai 1899, p. 2).

(26) A palavra do texto egypcio foi traduzida por *stimmi* por Golénischeff (*op. cit.*, p. 7), por *poudre d'antimoine* por Maspero (*op. cit.*, p. 146), e por *kohl* por Flinders Petrie (*op. cit.*, p. 91). E' sabido que o trisulfureto de antimonio, conhecido entre os Gregos pelo nome de *stibi*, e entre os romanos pelo de *stibium*, era empregado pelas mulheres egypcias para adornar os olhos. (Lane, *Manners and customs of the modern Egyptians*, London, 1898, p. 52-53). Glaser conjectura que a palavra egypcia significa *pelles de panthera* (ou antes de leopardo). (Glaser, *Das Weihrauchland und Sokotra*, no *B. A. Z.*, 27 mai 1899, p. 1).

(27) O animal, designado em egypcio por *mama*, foi comparado por Schweinfurt com o *gato zibet*, natural de Socotorá. (Glaser, *Das Weihrauchland und Sokotra*, no *B. A. Z.*, 27 mai 1899, p. 2).

(28) A planta, chamada em egypcio *mererit*, foi identificada com o *cypreste* por Maspero (*op. cit.*, p. 146) e por Flinders Petrie (*op. cit.*, p. 91). Segundo Glaser, (*Das Weihrauchland und Sokotra*, no *B. A. Z.*, 27 mai 1889, p. 1-2) *mererit* designa a arvore do incenso, a qual na região de Mahra tem o nome de *mghâz* ou *mghairot*.

(29) Os cães *tesemu* são *lévriers* segundo Maspero (*op. cit.*, p. 146), e *windhunde* (galgos) segundo Glaser (*Das Weihrauchland und Sokotra*, no *B. A. Z.*, 27 mai 1899, p. 1).

(30) Os macacos *guf* são identificados com os *cynocephales* por Maspero (*op. cit.*, p. 146), e com os *baboons* por Flinders Petrie (*op. cit.*, p. 92). No tumulo de Thebaen, funccionario superior da côrte do rei Mykerinos, por quem foi construida a terceira pyramide (mais de 2500 annos antes de J. C.), é representado um macaco; e por cima da pintura está escripto o nome do animal, que é *kaf*, equivalente a *kêipen*, que no mosaico de Palestrina está escripto sobre a mesma especie de animal. Este macaco foi identificado por Hartmann com o *cercophithecus africanus*. (P. W. P. Renouf, em *The Academy*, 19 set. 1891, n.º 1011, c. 242). Este macaco é provavelmente o mesmo que o designado em hebreu, pelo nome de *qof*, em grego por *kêpos* ou *kêbos*, e em sanscripto por *qob*.

(31) Os macacos *kiu* são identificados com os *singes verts* por Maspero (*op. cit.*, p. 146) e com os *apes* por Flinders Petrie (*op. cit.*, p. 92).

(32) Em egypcio *xesu*, servo, pessoa de sequito. (Golénischeff, *op. cit.*, p. 8).

(33) Em egypcio *aqer*, perfeito, sabio. (Golénischeff, *op. cit.*, p. 8).